

O Espaço Revisitado: Leitura Comparada dos Contos de Guimarães Rosa, Mia Couto e Teixeira de Sousa

Giseli Cristina Tordin¹ (UMass-Amherst)

Resumo:

O objetivo é propor uma leitura para o conto “Bicho mau”, de João Guimarães Rosa, comparando-o com os de Mia Couto, “O menino que escrevia versos”, e de Teixeira de Sousa, “Jocasta”. Busca-se entender a correlação entre a figura do médico e das enfermidades e a representação tipológica dos espaços. Grande sertão: veredas também nos possibilitou fundamentar a análise, uma vez que a presença de certas enfermidades neste romance parece não apenas condensar o “mundo misturado”, mas apontar a uma busca imprescindível, a que exige das personagens (e também do leitor) realizar uma travessia para que haja um encontro do homem consigo mesmo. Estabelecer uma leitura comparada permite-nos ainda evidenciar contornos de um espaço que desafia a imagem de que a ciência esteja afastada das humanidades, e vice-versa.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, espaço, ciência, mito.

1 Introdução

“Bicho mau”, conto publicado postumamente em *Estas estórias*, é instigante e não se restringe somente a uma questão apontada pela fortuna crítica: o embate entre razão e fé. Este confronto – se o pai de Quinquim deveria aplicar-lhe ou não o soro antiofídico; ou ainda as explicações médicas *versus* as rezas do benzedor – configura-se apenas como uma dimensão do conto. Detendo-se neste confronto, as possibilidades de ver o mundo, de ser e de atuar limitar-se-iam. Haveria um sim e um não; um certo e um errado. Ora, sabemos que este mundo (e o mundo literário de Guimarães Rosa) são feitos de infinitas possibilidades. Assim, essa lógica binária não poderia ser aplicada aqui.

Ademais, esta dúvida que se levanta parece exigir tanto das personagens quanto do próprio leitor certa coragem ou abnegação para ir além de uma escolha ou de seguir um único caminho. Nhô de Barros, pai de Quinquim, calara-se diante de aspectos que considerava maior do que ele e, assim, deixou de ouvir sua própria voz interior que, talvez, pudesse configurar-se como alternativa ou ponto de junção às explicações médicas e místicas que se haviam formado.

Os contos que sustentam a leitura de “Bicho mau” – “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto, e “Jocasta”, de Teixeira de Sousa – parecem apresentar, a partir de suas personagens, possibilidades de ação diferentes das de Nhô de Barros, visto que interpretaram de outra maneira o discurso científico, reelaborando-o a partir de suas convicções, de seu mundo, da poesia da palavra, da imaterialidade dos sentidos. Assim, os elementos científicos e mí(s)ticos presentes nestes contos, possivelmente, permitem uma configuração distinta do espaço, o qual não seria visto de modo binário. Deste modo, não

1 . Doutoranda. University of Massachusetts – Amherst. Department of Languages, Literatures and Cultures. E-mail gtordin@spanport.umass.edu

apenas se coadunam elementos denominados interiores e exteriores, abertos e fechados, mas torna-se possível vislumbrar o não-visível, o imaterial no interior do próprio signo linguístico ou, ainda, nas pequenas variações que advêm da percepção (cf. GIL, 2005).

O saber científico versus o popular (essa permanente fragmentação que “Bicho mau” parece ilustrar) é quase regra na contemporaneidade. No entanto, segundo Jean Abreu (2006), antes do século XVIII não havia distinção entre elementos físicos e espirituais e, por conseguinte, a adoção de práticas médicas e populares não caracterizava a classe social a que pertencia um indivíduo. Com o tempo, a medicina intelectualizada afasta-se da popular. Este distanciamento reflete-se ainda na ciência em geral, que parece não mais reconciliar-se com o sonho, com as possibilidades da imaginação, tampouco humaniza a vida. É esta feição que, provavelmente, implica uma configuração outra do espaço que, por sua vez, expressa a cisão, a separação do lado humano que existia nos lugares e em nós. Em certas obras literárias, por exemplo, expõem-se espaços destruídos, desencantados, como é o caso de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995).

Estariamos, neste nosso tempo, mais próximos do que Adorno e Horkheimer (2006) afirmaram: que o objetivo da ciência seria o de extinguir a possibilidade do mistério. Neste trajeto da ciência moderna, a tentativa de encontrar mais liberdade através do pensamento racional tornara-se malfadada, pois o mundo já estaria desencantado. O feiticeiro já não tem os mesmos poderes, pois substituiu suas práticas por “pensamentos autônomos”. Não há mais o mistério porque uma “unidade conceitual” domina toda a forma de vida e pensamentos (ADORNO; HORKHEIMER, 2006. p.21-23). No entanto, nos contos a que aludimos, buscaremos evidenciar que a mistura de sentimentos, ideias e lógicas pode revelar outras dimensões que escapariam do controle rigoroso da Dialética e resgatariam uma reconciliação: daquilo que há de mais humano em nós.

2 Um espaço feito de homens

Em *Grande sertão: veredas*, a personagem Sô Candelário, jagunço admirado por Riobaldo, tem uma certa obsessão pelo espelho. Não se trata de zelo desmedido pela estética. A razão que se desvela é outra. Pai e irmãos contagiaram-se com hanseníase e Sô Candelário via-se mil vezes sua imagem refletida para confirmar que nenhuma marca da doença alcançara-o. A doença não saía de seu pensamento, mas não podia ser pronunciada.

O que teme Sô Candelário? A doença? A morte? Mas esta personagem é de grande coragem. Tornara-se, inclusive, chefe do bando de jagunços. Assim, podemos dizer que não é morte violenta que Sô Candelário teme. Riobaldo ainda conta outro caso que talvez nos possibilite iluminar este. Havia um rapaz no Aiáis que não queria adormecer devido a um “súbito medo que nele deu de que alguma noite pudesse não saber mais como se acordar outra vez, e no inteiro de seu sono restasse preso” (ROSA, 1968. p.322).

Seria razoável dizer que, nos dois casos, o temor que está em jogo é o da indeterminação, que é criada pelas próprias personagens. O rapaz de Aiáis e Sô Candelário impuseram-se a si mesmos uma servidão: a de ficarem à mercê de um evento latente que ganha, com a imaginação, força, poder de concretude. Ambos parecem estar presos a uma outra vida. Eles perderam a liberdade de escolha, dos caminhos. O medo acabou por afastá-los do conhecimento de outras veredas. O medo fundou a circunspeção própria de cada um deles, de modo que se tornaram vítimas de si mesmas.

Estes casos ajudam-nos a compreender, primeiro, aquilo que Riobaldo revela na “forma de monólogo ininterrupto” que é, nas palavras de Antonio Candido, uma visão da “inquietude interior” (CANDIDO, 2002. p.190). E, segundo, uma intrínseca relação que guardam, de certa feita, com próprio Riobaldo. À guisa de exemplo, no instante em que Zé

Bebelo desobedece aos homens que resguardavam a estrada e avisavam que o correto seria desviar o caminho porque o povo do Sucruíú estava morrendo da doença “que pega em todos [...] peste de bexiga preta [...] convém desmendar deste lado, não passar no Sucruíú” (ROSA, 1968. p.293), Riobaldo expressa preocupação. O temor não se deve, propriamente, à doença, mas à desobediência: “Só o mau fato de se topar com eles, dava soloturno sombrio. Apunha algum quebranto. Mas mais que, por conosco não avirem medida, haviam de ter rogado praga” (*idem*, p.294).

Não é o fato de estar em contato com a doença que pode ser perigoso. O perigo é não *ouvir* o destino. A doença seria apenas uma consequência do agouro. Não se pagou com gratidão o conselho recebido. E a gratidão seria seguir o que o outro alerta; e o outro influencia nos próprios caminhos. É interessante que a doença cria um espaço de reflexão que transcende a própria enfermidade.

Zé Bebelo está, de certa feita, negando o misticismo: ele não desvia o seu caminho. E parece não se importar com o que ficara evidente, suspenso no ar: o perigo de não acatar o conselho, a ordem. Desobedecendo aos mandos, traz à baila o sentimento de temor. Assim, exige de seus homens, implicitamente, a coragem, pois a matéria com a que, agora, os jagunços tinham de lidar estava feita de um tecido composto por forças incomensuráveis: pelo indeterminado. É este temor que Riobaldo combate através, inclusive, de sua rememoração:

Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem. E, enquanto houver no mundo um vivente medroso, um menino tremor, todos perigam – o contagioso. Mas ninguém tem a licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito que é meu – o que quero e sobrequero – é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim! (ROSA, 1968. p.298).

As doenças em *Grande sertão* – a hanseníase, a maleita, a varicela – condensam este “mundo misturado”² – argumento tão largamente apresentado pela fortuna crítica – porque são elas que trazem em seu bojo o medieval (quando, por exemplo, é recordado o “tratamento” a que se submetiam os enfermos na Idade Média) e o moderno (o despojamento, a outra maneira de enfrentar a enfermidade, não mais como algo imposto pelo destino ou por deuses); o bom (as personagens precisam “medir-se”, colocando seus medos à prova) e o mau (o enfermo está condenado; não há redenção); o racional e o mito. O ato de Zé Bebelo – que é o enfrentamento da doença – demanda despojamento; acreditar, talvez, no lado mais racional. Mas o caminho linear, sem desvios, rumo ao Sucruíú, está atravessado pelo temor, pelas crenças e, inclusive, pelas formas medievais de “tratamento da doença”, formas estas caracterizadas pelo isolamento e pela negação:

Nem davam fé de nossa vinda, de seus lugares não saíam, não saudavam. Do perigo mesmo que estava maldito na grande doença, eles sabiam ter quantas cláusulas. Sofriam a esperança de não morrer. Soubesse eu onde era que estavam gemendo os enfermos. Onde os mortos? Os mortos ficavam sendo os maus, que condenavam. [...] Deus que tornasse a tomar

2 . As veredas de *Grande sertão* fundam momentos que podem escapar de (ou não se restringem a) uma passagem identificada pela fortuna crítica: a do *mitos* ao *logos*; e que o mundo misturado – na linguagem, nos espaços, nos gêneros, nos sentimentos – representaria a passagem do homem em busca do ser que deseja (cf. ARRIGUCCI, 1995). Outros veem na mistura que há a opção pelo mito, visto que permanece em primeiro plano o mundo das “crianças, dos loucos, dos bichos e dos homens telúricos” (CHIAPPINI, 2002. p.219).

conta deles, do Sucruiú, daquele transformado povo. (ROSA, 1968. p.297)

Estamos diante de um povoado cujos sintomas indicam varicela, mas a forma de “tratamento” a que todas as pessoas foram submetidas assemelha-se à dos leprosários da Idade Média. Segundo Foucault (2006), em *História da Loucura*, acreditava-se que a salvação dos enfermos por hanseníase estaria assegurada pela exclusão. Eles seriam salvos por uma mão que não é oferecida. Por aquela que os fecha, se vai. Seriam salvos pela ausência do gesto: “*Abandonment is his salvation, and exclusion offers an unusual form of communion*”³ (FOUCAULT, 2006. p.06).

Assim, o gesto de Zé Bebelo, no afã de sua racionalidade, no desafio do temor, resgata a humanização, como a figura de Cristo em meio ao calvário. A doença criara uma fragmentação social e a tropa do jagunço atravessa-a. É a presença da vida no cenário de morte. E desafia-a. Mesmo que posteriormente não haja uma transformação evidente deste *status*, o momento da travessia é mágico, visto que revela o que ficara silente, isto é, a dor real porque é testemunhada e porque é narrada.

Neste sentido, não podemos dizer o ato de Zé Bebelo seja estritamente racional ou frio. Notavelmente, é através do impulso racional que se desvelam outras faces da doença, a sua parte não racional (dor, abandono, sofrimento, desentendimento). O que não havia ali, enquanto os jagunços percorriam Sucruiú, é o amor, sentimento que poderia mitigar a sensação de abandono. Assim, os homens atravessam um lugar que está construído pelas faces sem vida, pela estreiteza imposta pelo sofrimento, pela rigidez do pensamento que insiste em abandonar o outro à própria sorte. A presença dos jagunços, neste instante, reestrutura o próprio espaço e desfaz a existência de um lugar proibido porque pouco visitado e resgata, ainda que de modo efêmero, o homem de seu abandono.

Nise da Silveira (1981), psiquiatra brasileira, citando Merleau-Ponty, lembra-nos de que o que garante ao “homem sadio contra o delírio ou a alucinação é a sua crítica, é a estruturação de seu espaço [...]. O que leva à alucinação é o estreitamento do espaço vivido[...]” (SILVEIRA 1981. p.32). E daí conclui que a própria Psiquiatria, indiferente aos problemas do espaço, foi “construída” através de uma arquitetura fria e rígida e que dava “suporte e reforço ao medo, ao sentimento de estar isolado de tudo” (*idem*, p.34). Embora o contexto a que Silveira faz alusão seja o de hospitais psiquiátricos, sua afirmação pode estender-se a outros cenários nos quais haja a presença de doenças porque, independente do tipo de enfermidade, seu pensamento ilumina a discussão a respeito da integração do homem em seu espaço e consigo mesmo. Assim, o que devemos ainda entender aqui é que a desintegração do indivíduo com o meio ou com seu espaço, ademais de criar uma espécie de exílio interior, não permite que ele faça parte da ordem cósmica.

Se nesta passagem são desenhados dois espaços em *Grande sertão*, o que está fora de Sucruiú e o que está dentro de Sucruiú; um lugar marcado pela ausência, pelo desamparo, em “Bicho mau”, o espaço do desamparo estará sutilmente conectado com a vida de seu Quinquim. A picada de cobra, acidente pelo qual passa, induz a uma reorganização deste espaço que, de certa maneira, isola-o de suas afeições (e feições). Não apenas Quinquim é isolado (muito embora seja um isolamento que se faz pensando em ajudá-lo), mas as personagens de seu entorno também são afastadas de si mesmas (como exemplo, Virgínia, ao final, acaba enlouquecendo). Em seguida, apresentaremos alguns fatos inerentes ao enredo de “Bicho mau” e buscaremos evidenciar o confronto entre razão e fé a que,

3 “O abandono é a sua salvação, e a exclusão oferece uma forma incomum de comunhão” (tradução livre).

supostamente, o conto faz referência.

3 A doença, o amor, os espaços estreitos

Os espaços inicialmente descritos em “Bicho mau” são os dos movimentos da cobra Boicininga. É este animal que, depois de longo tempo hibernando e de troca de pele, sai dos escuros ocos de tatu, busca os lugares mais altos, rasteja-se até “sítio propício”. O movimento da cobra – livre – em meio a uma exuberante natureza lembra o movimento do narrador de “São Marcos”, conto que integra *Sagarana* (1946).

Paralelamente à narrativa dos movimentos da cobra, há a narrativa dos homens, trabalhadores rurais, que carpiam com a finalidade de preparar o terreno para o plantio. Dentre estes homens encontra-se Quinquim, filho do fazendeiro Nhô de Barros. Os espaços da narrativa alcançam um ponto em comum quando a cobra, para defender-se, pica seo Quinquim. No entanto, na descrição do mundo dos homens – deste grupo que carpia – já se anunciava a morte. E seria de quem primeiro se aproximasse da lata de água.

Virgínia, a esposa de Quinquim, quer vê-lo. Dona Calú, mãe de Quinquim, repreende-a porque, primeiro, sempre transpareceu à sogra que ela, Virgínia, nunca o amara, e, segundo, porque grávida não pode entrar em casa de quem foi ofendido por “bicho mau”. Os sogros têm certeza de que Virginia não gosta de Quinquim. Mas, conforme revela o narrador, é o acidente com cascavel que lhe revela um sentimento até então oculto a Virgínia: “Seu clarear de dor era uma descoberta, que acaso ela mesma ignorava” (ROSA, 1969. p.171).

Todo o relato está entrecortado pelas crenças. O enfermo sequer podia pronunciar o nome da mulher. Nhô de Barros não queria que dona Calú ficasse no quarto de Quinquim: “... mulher. Sempre não é bom[...]” (*idem*, p.172). Seu Jerônimo, o benzedor, diz que já havia feito as rezas necessárias e, portanto, não se poderia dar a Quinquim remédio nenhum. Virgínia ainda deseja a presença do médico. Ela pede a Odorico, seu cunhado, ir em busca do doutor. O médico não está e o farmacêutico diz que nem ele mesmo precisaria estar. Era só aplicar as quatro ampolas. A solução parece simples. Odorico volta com os soros, mas o pai reluta em aplicar, dando-lhe falsas desculpas. Neste ponto, o embate entre ciência e misticismo parece, então, formar-se, o que evidenciaria, ao final, que a ciência ganharia o duelo, já que seo Quinquim morre, pois o pai optou por não aplicar o soro antiofídico.

É o que também, possivelmente, concluiu Graciliano Ramos, que participou como julgador no concurso *Humberto de Campos*. O escritor alagoano afirmou que não votou em Viator, pseudônimo utilizado por Rosa (que perdeu o concurso por uma diferença de um voto) porque, dentre outras questões, e a despeito de trabalhos maravilhosos como “Conversa de bois”, havia uma narrativa contendo “propaganda de soro antiofídico”; este e outros contos como o de um médico que morre na roça, “reduzido à condição de trabalhador de oito”, “me deram arrepios e me afastaram do vasto calhamaço de quinhentas páginas” (RAMOS, 1976, p.152).

A dúvida se o soro, de fato, salvaria Quinquim ou se o trabalho do benzedor, seu Jerônimo, teve, sim, algum efeito, perdura. Há uma tensão que se mantém até o fim. Mas deve-se sublinhar que, se comparado com outros contos de Rosa, não há a efetiva presença, em “Bicho mau”, do médico nem do benzedor. Eles são referidos, aparecem através de recados. Assim, o que se lê como embate entre razão e misticismo parece acontecer devido a duas presenças que são evanescentes.

3.1 O duelo

A tensão, na realidade, configura-se pela dúvida de Nhô de Barros. A vida do filho fica em suas mãos. Ele tem o poder de decisão. E sua decisão, que é a de seguir as referidas recomendações do benzedor, acaba por isolar Quinquim cada vez mais da presença dos seres por quem o filho tem afeição. É neste ponto que, possivelmente, a narrativa de Teixeira de Sousa, escritor cabo-verdiano e médico, pode ajudar-nos a apontar outras possibilidades de leitura.

O conto “Jocasta”, publicado em 1972, pertencente à obra *Contra mar e vento*, resgata o mito de Édipo, mas um pouco às avessas. Neco, filho de Jesuíno, tem acessos de loucura e torna-se, em algumas situações, tão violento que é necessário trancá-lo em uma despensa, pois agredia e “punha a aldeia em sobressalto” (SOUSA, 1980. p.127).

Após o período de loucura e violência, Neco vivia tranquilamente e ajudava o pai na loja e nas propriedades, mas nunca se lembrava desses episódios. Dr. Rodrigues é o único que, segundo o narrador, “entendeu a doença do rapaz e deu a explicação exacta de todas as manifestações do mal” (*Ibidem*). Em uma noite em que a fúria de Neco parece incontrolável, sua madrasta tranquiliza Jesuíno e desce para dar mais remédios a Neco. Antes, dizia-lhe que o filho de Jesuíno era assim porque fora abandonado pela mãe, deixando-o com a avó para “andar na pouca vergonha” (*idem*, p.128). Como os remédios e banho não fizeram com que o acesso de loucura dirimisse, o conto faz menção ao fato de a madrasta acabar precisando entregar-se a Neco, dizendo, por três vezes, “Seja feita a vontade de Deus” (*idem*, p.132).

Cabe deste conto levantar um aspecto que talvez seja interessante para o entendimento de “Bicho mau”. Trata-se de Neco estar isolado. Em “Jocasta”, desenham-se claramente o espaço escuro contraposto ao claro; o espaço fechado, o espaço da alucinação que se converte em redenção; o espaço do perigo que se soma ao espaço do sacrifício. A criação destes múltiplos espaços ocorre para conter aquilo que se considera um comportamento desviante.

Enquanto as ações são desenvolvidas pela madrasta Mariazinha – preparação do chá, do banho; as idas e vindas durante a madrugada entre a casa e a despensa – o marido tem sono tranquilo. O médico, o único capaz de entender a doença de Neco, está ausente no relato. É apenas mencionado. Sua presença é marcada pelas pílulas. São as que foram recomendadas pelo Dr. Rodrigues. Ao final, porém, Mariazinha é a única que, de fato, faz a travessia destes lugares. O conto enfatiza seu vai-e-vem. É ela quem transpõe os lugares escuro e claro; fechado e aberto; seguro e louco. De certo modo, é sua ação que propõe a cura, que vai na contra-mão do que se espera, de qualquer atitude baseada em outro sentido. De modo figurado, a madrasta remediaria a situação a que Neco sempre esteve subjogado: ao abandono. Aqui o tema da travessia volta.

Ora, em “Bicho mau” retrata-se o oposto. Porque a crença dominante ali dizia que seo Quinquim deveria ficar isolado; que sequer a presença da mãe, porque é mulher, estava permitida. Não se podia pronunciar o nome da mulher grávida. A mulher grávida não poderia vê-lo. E não obstante o pai tenha uma intuição – que, talvez, sua própria esposa, a mãe de Quinquim, resolvesse de outra maneira, teria mais ideias, fosse mais ágil –, resolve calar a sua própria voz em obediência a uma voz que considera maior, a de Jerônimo. A madrasta de Neco faz justamente o contrário. E não nega nenhuma das vozes. Ela continua, inclusive, com os remédios.

A crença do pai de Quinquim, em “Bicho mau”, converte as palavras do curandeiro em preceitos, em conceitos fechados, verdades absolutas. Sempre há a tendência de se fazer uma leitura das ciências como as que valorizam uma única verdade, as que desmentem outras, as que explicam o desconhecido. Assim, o místico em “Bicho mau” veste-se com roupas do Esclarecimento. Sobre isso, vale a pena mencionar Theodor

Adorno e Max Horkheimer (2006), que afirmam que a Ilustração (*Aufklärung*) é um termo que se refere não mais a um pensamento que nos permite refletir de outra maneira e tentar buscar a liberdade, mas, sim, ao processo de “desencantamento do mundo”. Suas ideias opunham-se àquelas que, no começo do século XVIII, proclamavam que o homem deveria libertar-se de dogmas e buscar esclarecer-se através de fundamentos científicos.

Para Adorno e Horkheimer, quanto mais os homens aumentam seu poder ou o domínio, mais se alheiam ou se afastam de algo sobre o qual exercem poder. Esta ideia parece significativa para entender a função de Jerônimo em “Bicho mau” na medida em que suas ordens restringem o mundo, apagam o encantamento: “[...] falou que é para não se dar a ele remédio nenhum, nem solimão, nem purgante, nem leite... E nem reza nenhuma, nem deixar outra pessoa benzer! Só assim desse jeito é que ele agarante” (ROSA, 1969. p.172). O benzedor faz prevalecer as regras de seu próprio jogo, evidenciando uma hierarquia excludente.

É esta estrutura que nega o redor, as nuances, outras possibilidades; que organiza o espaço a partir de um única maneira. Ora, a metodologia desenhada por Jerônimo parece refundar o método cartesiano. Ricœur (1978), referindo-se à famosa frase de René Descartes, *Cogito ergo sum*, chama a atenção ao fato de que ela apaga a existência de um espaço que faz pensar porque existe um *eu* que se funde consigo mesmo, não havendo um intervalo ou uma *décalage* que deixe existir a dúvida. Cria-se, portanto, uma certeza vazia ou o invencível (cf. RICŒUR, 1978. p.20).

Conforme já mencionado, existe uma tendência de caracterizar o conto como embate entre Ciência e Fé, considerando como fé a figura do benzedor, e a ciência, o soro. Edna Calobrezi (1998) assevera que o conto poderia supor que existiria uma ignorância em meio a pessoas do campo e que, por não acreditarem no novo, o moço Quinquim acaba morrendo. Lígia Chiappini (2002) faz outra leitura (e também cita Calobrezi para acrescentar nova ideia). Diz que, em certo momento, o narrador faz com que o leitor aproxime-se da obstinação de seu Nhô de Barros quando este afirma “Remédio às vezes cura, às vezes não”: “O que se expõe aí é o confronto, o contraste das culturas e, através deles, o problema, também para nós, leitores.” (CHIAPPINI, 2002. p.229).

O que se pode ainda dizer é que este embate das culturas, na verdade, é feito de um lado só. Se há, de fato, um embate, este se localiza em outras paragens, e não na superfície do conto, tampouco seria entre o soro e a reza. Este é o que se formou na superfície. Ora, desde o início, quando a cobra sai de um lugar fechado, escuro, oco, para um aberto – de liberdade e sol –, o narrador enuncia que alguém morreria. Parece haver uma predestinação, algo sobre o qual não se exerce controle. O confronto poderia ser, portanto, entre o destino e as tentativas de mudá-lo.

3.2 O diálogo

Sem dúvida, este conto parece intrigar, pois, primeiro, foi escrito para ser publicado em *Sagarana* e, depois, é retirado pelo próprio Rosa; segundo, teve sua versão modificada (conforme pode ser averiguado na obra *Sezão*, material que faz parte do espólio de João Guimarães Rosa, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP); Guimarães Rosa substitui a palavra *Sezão* pelo título *Sagarana*). Nesta

versão inédita, após a morte de seu Quinquim, o curandeiro é expulso da cidade e, supostamente, ele a amaldiçoa através do repentino aparecimento de inúmeras cobras.

Outro dado interessante desta versão anterior a “Bicho mau” de *Estas estórias* diz respeito à personagem Virgínia que, em nenhum momento, deixa transparecer que não gosta de Quinquim, tampouco seus sogros expressam este pensamento. Ao contrário, no conto pertencente a *Sezão*, Virgínia gosta, sim, de seu marido. Esta mudança também é curiosa, uma vez que toca em um ponto sensível do conto e, inclusive, no embate entre ciência e fé (e amor). O fato de Virgínia, na versão publicada em *Estas estórias*, apresentar traços tão distintos – ter sido, talvez, ausente ou indiferente em relação a Quinquim, já que seus sogros identificam que ela não gosta dele – pode ser indicativo também da importância e maior relação entre a enfermidade, o amor e os espaços. Assim, o confronto entre o que sempre se identificara entre razão e misticismo pode estender-se ainda mais, revelando, por conseguinte, maior complexidade.

Se compararmos “Bicho mau” com “Corpo Fechado” e “São Marcos” (ambos pertencentes a *Sagarana*), não haveria dúvidas de que em “Bicho Mau”, pela primeira vez, o curandeiro falha. E parece falhar, justamente, porque nega o mundo a sua volta. E aqui, à diferença de “Corpo fechado” e “São Marcos”, não se trata de evento sobrenatural, tampouco uma doença que não encontra explicações, como a cegueira branca, no célebre romance de José Saramago. Aqui, a falha acontece no trivial, no aspecto físico e palpável.

Em *Território de Epidauro*, de Pedro Nava (2003), há a afirmação de que o último grande médico do povo foi o feiticeiro; este sabia realizar com destreza o manejo das preparações, a combinação das ervas – das beladonas e das solanáceas. Quando queimaram os livros de Paracelso, este diz que não sabia senão o que aprendera com os feiticeiros. Jean Abreu (2006) assevera que “a introdução da química em Portugal nos estudos médicos ocorreu sem romper com a tradição galênica, o que demonstra a conciliação [...] das novidades científicas da época com as concepções da medicina galênica e mágica” (ABREU, 2006. p.171). Moacyr Scliar (1996) em *A paixão transformada: a história da Medicina na Literatura* afirma que na medicina hindu, entre os anos 2000 e 1500 a.C., eram utilizadas práticas racionais com outras de natureza mística.

Mas tanto a medicina quanto o curandeirismo em “Bicho mau” perderam a conexão entre si. Não dialogam e, pior, sequer estabelecem contato direto com o paciente. É exatamente o oposto que ocorre com o conto “O menino que escrevia versos”, de Mía Couto (conto que integra a obra *O fio das missangas*). Este conto refaz, justamente, o elo que se perdeu – o diálogo entre a figura científica e a magia ou a beleza.

Nesta narrativa de Mía Couto, em linhas gerais, conta-se a história de um menino, que é levado ao médico porque apresenta, aos olhos do pai, que é mecânico, desvios da masculinidade, pois o menino escrevia versos. O menino, em seus trejeitos e palavras, também apresenta feições diferentes em relação àquelas que os outros esperam. A maior delas ocorre quando o médico pergunta-lhe se lhe dói algo, ao que lhe responde, 'a vida'. O médico, ao começo um pouco indiferente, surpreende-se e percebe no tom da resposta algo espontâneo e em contraste com o mundo. Então, utiliza o mesmo tom do discurso dos pais, fazendo aos outros crerem que o menino realmente apresentava algum distúrbio e que precisaria ficar internado. Como a família não teria condições financeiras, o médico diz para não se preocuparem porque tudo seria por conta dele.

Ao final, há a inversão. O médico sentava-se, como na posição de um paciente em terapia, e o menino lia-lhes os versos que escrevia. Ou seja, o próprio médico é quem recebe o tratamento. É o tratamento através da palavra.

A presença médica no conto dialoga, justamente, com os dois lados que pareciam imiscíveis: com a parte que não consegue entender o diferente e por isso precisa

categorizá-lo, buscando um sinal patológico para explicar uma maneira de pensar e ser que se afasta do “esperado”; e a outra parte, a que é invisível e inerente a uma sensibilidade arguta e fina, que se revela na poesia do olhar, na delicadeza do gesto. Segundo José Gil (2005), o invisível é mais do que aquilo que não se consegue visualizar. São pequenas percepções que trazem ao mundo algo sobre o qual não se tinha consciência prévia e que são responsáveis ainda por realizar a conexão entre o verbal e o não-verbal.

É exatamente o médico quem percebe as diferenças do pólo verbal e do não-verbal e consegue fazer as conexões. Paradoxalmente, interna o menino, deixando-o em um lugar isolado, mas a sua atitude revela o contrário, pois é o médico quem é tratado por aquele que está, teoricamente, enfermo. A mensagem do menino fazia-o sonhar. É neste momento que o espaço reservado à doença é ressignificado. É quando o lugar isolado passa a ser múltiplo, e adquire *status* de liberdade, pois permite pensar sobre si, sobre o outro, sobre a imaterialidade.

Conclusão

A leitura do conto de Mia Couto pode ser significativa para ampliar nossa leitura em relação ao conto “Bicho mau”. Assim, podemos afirmar que, no conto de Guimarães Rosa, as conexões perdidas e a ausência das pequenas percepções fazem com que o destino se concretize, ou seja, a morte de uma pessoa, anunciada previamente pela saída da Boicininga. Portanto, tanto uma ciência ausente quanto um curandeirismo onipotente não são capazes de afastar a presença sensível da morte.

O leitor é quem ainda teria a última oportunidade de conciliar os dois mundos, já que através do espaço literário, para utilizar aqui o pensamento Maurice Blanchot (1982), poderíamos transcender o significado da palavra e participar do reino da palavra plural. Ora, o que se diz através da palavra mais objetiva ou literal não poderia ser acatado abruptamente. Antes, valeria acompanhar suas nuances, seus segredos, suas possibilidades. Entender, ainda, que a vida clama continuidade e que, portanto, é o leitor, efetivamente, quem precisa abrir-se ao diferente; buscar o que foi intuído, proporcionando, assim, existência e beleza àquilo que o pensamento rígido tentou findar.

Outra possibilidade seria se Nhô de Barros ouvisse o mundo do silêncio, despindo-se de uma tensão que ele mesmo criara e sustentara: “Que inferno a gente não saber, certo, a coisa que a gente tem mesmo de fazer: e que devia de ser uma só, mandada alto, escrita em tudo, estreita, a ordem...”. (ROSA, 1969. p.174)

A negação da voz de seu próprio interior resultara no confinamento da vida a um espaço fechado. A doença convertera-se não em aprendizado, mas em punição. Não seria demasiado supor que faltou aqui, justamente, a travessia – a abertura de suas próprias veredas, a abertura das palavras; de algo que não estaria escrito, e que clamava pela árdua tarefa de desvencilhar-se do medo do indeterminado.

Referências Bibliográficas

- 1] ABREU, Jean Luiz Neves. **O corpo, a doença e a saúde:** o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. 2006. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais (Departamento de História). Belo Horizonte.
- 2] ARRIGUCCI JR., David. O mundo misturado. *In:* PIZARRO, Ana. **Palavra, literatura e cultura:** vanguarda e modernidade. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 447-477.

- 3] ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. **Dialéctica do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- 4] BLANCHOT, Maurice. **The space of literature**. London: University of Nebraska Press, 1982.
- 5] CALOBREZI, Edna Taraboni. **Morte e alteridade em Estas estórias**. 1998. Tese de doutorado (Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo.
- 6] CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**: seleção e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34. 2002
- 7] CHIAPPINI, Ligia. A vingança da megera cartesiana. **Scripta**. Belo Horizonte.v. 5, n. 10, 2002. p.218-233. *Available from* [<http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta10>](http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta10) access on 08 Nov. 2012.
- 8] COUTO, Mia. **O fio das missangas**. 3a. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.
- 9] FOUCAULT, Michel. **History of Madness**. Tr. Jonathan Murphy; Jean Khalfa. London: Routledge, 2006.
- 10] GIL, José. **A imagem-nua e as pequenas percepções**. Estética e Metafenomenologia. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.
- 11] NAVA, Pedro. **Território de Epidauro**: crônicas e histórias da história da medicina. 2a. ed. São Paulo: Ateliê Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.
- 12] RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- 13] RICŒUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de Hermenêutica. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978.
- 14] ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969
- 15] ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 6a. edição. José Olympio, 1968.
- 16] ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. 23a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- 17] SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- 18] SCLIAR, Moacyr. **A paixão transformada**: a história da medicina na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- 19] SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- 20] SOUSA, Teixeira de. **Contra mar e vento**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1980.